

A NUDEZ E A IMPORTÂNCIA DAS DEMAIS VERTENTES NATURISTAS

Apesar de destacar sempre que o naturismo é algo que diverge do conceito de nudismo, muito se confundem nesse aspecto. A prática da nudez coletiva é uma das vertentes do naturismo que acaba se destacando por chocar os olhos daquelas pessoas que não conseguem dissociar a nudez pura do pudor.

As demais vertentes do naturismo como a questão sócio-ecológica, alimentar e terapêutica, são as vertentes mais importantes e necessárias a ser incluídas na sociedade, garantindo uma qualidade de vida e a conservação do meio ambiente.

Nessas questões levantadas é que apresenta-se neste trabalho a nudez de forma crítica a sociedade, desmistificando a impossibilidade de existí-la sem pudores, mas levando em consideração o medo e as experiências da insegurança.

Destaco a nudez apenas por ser uma realidade existente dentro do naturismo, o qual inclusive condiciona a escolha do terreno para o projeto exigindo um espaço protegido visualmente; porém não julgo a mais importante nas diretrizes de projeto. São as demais vertentes que possibilitam a ligação entre a filosofia naturista e o bairro onde o projeto está inserido. Não só há uma ligação, mas também há uma grande abertura ao desenvolvimento sócio-ecológico do bairro com um crescimento mais consciente e a melhoria na qualidade de vida dos moradores, tanto psico-corporal, como também na possibilidade de adquirir maiores informações ecológicas e saber valorizar e entender as necessidades da preservação.

Os olhares da nudez

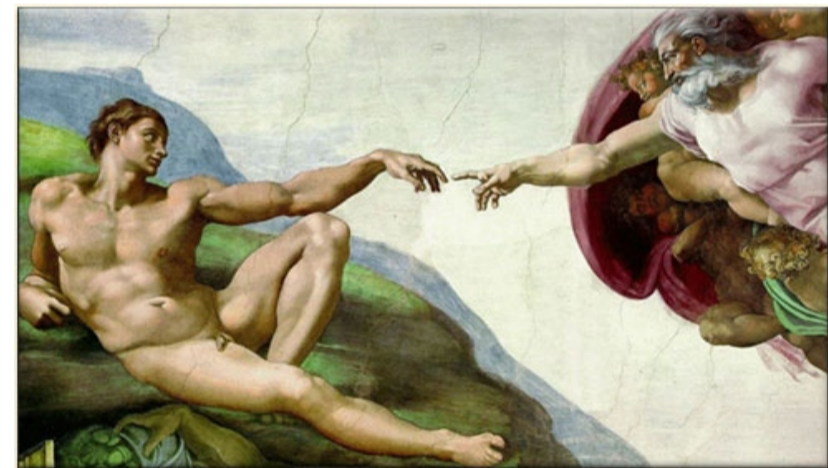


Fonte: <http://images.google.com.br>

Na Europa, a prática da nudez coletiva era aplicada até meados do segundo milênio da era cristã. Essas práticas eram comumente baseadas em rituais. Civilizações antigas como Roma e Grécia apresentavam rituais e hábitos ligados a nudez, pois tinham uma ligação muito direta e natural. Claro que a utilização de vestes se fazia presente, pois desde os tempos mais remotos a humanidade “aprendeu” a cobrir-se para fazer face às condições climáticas adversas. A nudez nessas civilizações era permitida através do respeito simbólico, havia lugares e momentos permitidos para que ela acontecesse, caso contrário era considerado como forma de humilhação.

No apogeu da Cultura Clássica o corpo humano nu tinha uma enorme dignidade, ao ponto de ornamentar numerosos espaços públicos sob a forma de estatuária monumental. É em Roma ainda, segundo Richard Sennett, em 'Carne e Pedra' que associa-se o corpo ao urbanismo no sentido da exploração do bilateral a existência da simetria.

Após a queda do Império Romano durante a Idade Média, por motivações religiosas e sócio-políticas, a



Fonte: <http://images.google.com.br>

“O decoro sexual não pode, de nenhuma forma, ser associado ao uso de vestuário, nem a vergonha com a ausência de roupa, a total ou parcial nudez... A nudez, enquanto tal, não deve ser equiparada ao descaramento físico. A falta de decoro existe apenas quando a nudez desempenha um papel negativo no que respeita ao valor da pessoa, quando o seu papel é o de resultar em apetite sexual, no qual a pessoa é colocada na posição de mero objeto de prazer”.

O pudor associado à nudez, na Europa, intensificou, com o “advento maniqueísta” ocorrido no século XIV, tendo-se refletido no pensamento humano até aos nossos dias, condicionando os nossos hábitos. Veio a vergonha, a curiosidade e a malícia. O que era puro e natural passou a ser perverso a ponto de gerar crimes, discórdias, tristezas, dispersão e esfacelamento.

Aos séculos da castração “maniqueísta”, seguiu-se, mais tarde, a Revolução Industrial, que levou o homem europeu do campo para zonas urbanas, altamente poluídas, desligando-o ainda mais da Natureza e aumentando-lhe consideravelmente o número de doenças. A nova burguesia conservadora no século XIX tornou a sociedade ainda mais intolerante à nudez. É nesse período também que surgem as primeiras movimentações naturistas da era moderna, aliadas a filosofias em que a saúde mental se alia à saúde física e ao “culto do corpo livre”.



Fonte: desconhecida

Muitas civilizações e culturas ainda vivem a manifestação da nudez com naturalidade como é o caso de certas tribos da África à América do Sul. No oriente, em regiões como do Japão, Tailândia, Bali e Polinésia a nudez é praticada como meio de aproximação com o divino e integrado dentro de certas religiões. Mesmo dentro de nosso território nacional percebemos a “nudez” nos grupos indígenas.

Segundo os escritos de Gregor, “Mehináku: O drama da vida diária em uma aldeia do alto Xingu” os índios tinham bem definido o seu conceito de nu e vestido. (Estar nu para eles era estar sem ornamentação braçadeiras, tornozeleiras, colares, cocares, adornos - e a pintura utilizada para cobrir parte de seu corpo. Eles estavam tão preocupados com roupa e aparência quanto nossa cultura. Todo o aparato utilizado pelos índios era carregado de simbologias e significados sociais dentro de uma aldeia.

Mas apesar de muitas civilizações encararem com naturalidade, transformando parte de sua cultura o olhar perante o nu é ainda muito diversificado. Ainda se revela uma imagem muito estigmatizada e associada à sexualidade e pudor conseqüências de uma sociedade que, por muito tempo esteve nas mãos da Igreja Católica.

“Toda nudez será comentada.”

Frase em forma de paródia do famoso título da peça de Nelson Rodrigues “Toda nudez será castigada”.



Fonte: www.jornalohonu.com

humanidade associava-se um elevado sentido de pecado, culpa, imoralidade e malefício associado à nudez. O desnudamento do corpo era demasiado associado à sexualidade, ou, aos ritos e religiões pagãs, para que não fosse considerado pela Igreja recém surgida como uma ameaça e por conseqüência algo a proibir e castigar.

Apesar de a Igreja Católica vir a condenar a nudez, encontramos exaltações ao hábito, tendo certo respeito e dignidade. As figuras nuas pintadas por Miguelangelo na Capela Sistina, mais tarde encobertas e hoje restauradas originalmente, mostram a verdadeira essência e dimensão corporal da humanidade. Mesmo num passado recente, o então Bispo de Cracóvia, mais tarde designado Papa João Paulo II, escreveu no seu livro “Love and Responsibility” a respeito da nudez em relação à sexualidade e pudor:



Fonte: desconhecida

A nudez como forma de espetáculo

A nudez sempre foi vista de forma diferente em vários países e culturas. Em quanto à Alemanha parecendo ser essa uma sociedade mais conservadora - é liberal sobre o aspecto, no Brasil ainda se guarda preconceitos não condizentes com algumas características da nação. Isso pode ser justificável pelos diferentes modos de encarar a nudez em nosso país, proveniente de uma sociedade multicultural. Alguns encaram a nudez com a naturalidade que se deve ser levada, mas outros ainda conservam a mentalidade trazida pelos colonizadores, onde a nudez revela a vergonha, o pecado e principalmente a conotação do sexualismo.



Fonte: desconhecida

permanentemente e o modo como vemos a privacidade e a intimidade no espaço urbano bem conveniente para este trabalho.

O grande número de pessoas dispostas a colaborar com a obra de

Tunick gerou outro questionamento, o da relação da privacidade no espaço urbano. Esta é a reflexão que Tunick se propõe depois de alcançado notoriedade.

“Um corpo nu na rua cria uma tensão e ao mesmo tempo uma sensação de liberdade.” (Spencer Tunick)



Fonte: desconhecida

Estudo de caso na Praia da Galheta - Florianópolis

A partir da identificação dos três focos naturistas de Santa Catarina (Pedras Altas - Palhoça, Praia da Galheta - Florianópolis e Praia do Pinho - Balneário Camboriú) realizou-se trabalhos de campos nas duas últimas praias citadas. Salienta-se que as praias aqui citadas são mais voltadas ao nudismo e não ao naturismo - foco do projeto em questão. Aqui direciona-se a somente a praia mais próxima ao terreno de projeto, a Praia da Galheta.

Após analisar o comportamento dos frequentadores da praia, entrevistou-se o naturista Henrique que aparentava ter aproximadamente 40 anos. Contou que era funcionário público e natural de Florianópolis. Não sentiu nenhum problema de ser abordado.

1ª Existem muitos naturalista que frequentam a Praia da Galheta? E como seria o perfil dos mesmos?

HENRIQUE: Muitos naturistas frequentavam a Galheta: famílias inteiras, turistas, solteiros e os membros dos Amigos da Associação da Galheta. Mas ressalto que está não é uma praia de uso exclusivo de nudistas, há também surfistas, homossexuais, curiosos, os que agem de má fé e os que a frequentam pela sua beleza.

Ao conversar sobre o preconceito e o despertar dos curiosos, o próprio nudista contou que seus pais não sabem de sua prática e que mesmo que soubessem não aceitariam.

Nesse momento o entrevistado recordou que no mandato da prefeita Ângela Amin foi autorizada a prática do nudismo na Praia da Galheta. Há cinco anos exigiram a proibição da prática na Galheta, onde devido a isso foi organizado um abaixo assinado em defesa da permanência da prática.

Finalmente ciou-sei a ele que segundo Márcia Souza Rego, na sua dissertação de mestrado - *O Nu e o Vestido: Uma*



Fonte: desconhecida

etnografia da nudez na Praia do Pinho, no ano de 1992 - as relações corporais são mais distanciadas, um abraço exige menos contato e a justificativa maior é o respeito.

3ª Em relação a afirmação entre a relação corporal, por parte da autora citada, o Sr. concorda?

HENRIQUE: Na minha visão não é bem assim. Os corpos adeptos à cultura agem de forma mais natural, sem preconceitos e com maior contato. Mas que provavelmente na época da realização do estudo da autora, provavelmente existia uma reserva maior em relação ao contato corporal.

Dicas dadas pelos naturistas

Em se tratando de arquitetura/urbanismo naturista:

1- Sustentabilidade: aproveitamento de águas servidas, aquecimento solar, captação de água pluvial, isolamento térmico/acústico, uso de materiais alternativos ecológicos e reciclados-recicláveis, tudo o que servir para se reduzir o impacto ambiental das construções deve ser valorizado.

2- Integração paisagística: Quanto menos as instalações intervirem na paisagem, melhor. O ideal seria uma utópica construção "invisível", que "sumisse" na paisagem. Naturistas gostam de natureza.

3- Humanização: em termos urbanísticos, as intervenções devem visar o ser humano e a natureza, e este deve ser um valor fundamental. Priorize os caminhos para se andar a pé, os carros devem circular o mínimo possível.

4- Programa: um bom espaço naturista deverá contar com serviços de hospedagem, habitação e lazer.

“Pessoas de culturas diferentes não apenas falam línguas diversas, mas o que é talvez mais importante, habitam em diferentes mundos sensoriais.”

Edward Hall

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Orientador Wilson Jesuz da Cunha Silveira
Acadêmica Thais Possenti Pinto Dias
Semestre 2007/02